

# Associação Nacional de História – ANPUH

## XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

### Ensino de História e a Interdisciplinaridade

Giovani Luiz Romani<sup>1</sup>

**Resumo** A interdisciplinaridade, surgiu no final do XIX, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista. As ciências haviam-se dividido em muitas disciplinas. A interdisciplinaridade visa a garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras das disciplinas. A postura interdisciplinar é uma atitude de busca, envolvimento, compromisso, reciprocidade diante do conhecimento. O objetivo principal do estudo da história não é fazer reviver o passado, mas, sim, procurar compreendê-lo. Os objetos do conhecimento histórico são o homem e as sociedades humanas no tempo. Em História, não existe um saber acabado. Não existe a palavra final sobre qualquer tema. Novos documentos, novas abordagens e novas interpretações possibilitam uma visão plural do conhecimento histórico. O perfil dos historiadores vai muito além na construção do conhecimento: através da investigação, da participação e incentivo à produção de pesquisa; através da participação na estrutura do curso (departamentos, coordenações). Mais do que nunca o educador de história deve fazer parte do coletivo e ampliar sua postura interdisciplinar. Em todas as esferas de sua prática, os homens atuam como sujeitos coletivos. Por isso, o saber, como expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber quando se der interdisciplinarmente. O saber é resultante de uma construção histórica, realizada por um sujeito coletivo. Daí a importância da pesquisa, entendida como processo de construção dos objetos do conhecimento, e a relevância que a ciência assume em nossa sociedade.

**Palavras-Chave:** Conhecimento, Estudo, Produção.

**Abstract:** The interdisciplinary, appeared in the end of the XIX, for the need of giving an answer to the fragmentation caused by an knowledge of positive stamp.. The sciences had divided in many disciplines. The interdisciplinary seeks to guarantee the construction of a global knowledge , breaking up with the borders of the disciplines. The interdiscipline posture is a search attitude, involvement, commitment, reciprocity before the knowledge. The main objective of the study of the history is not to do to relive the past but, to try to understand it. The objects of the historical knowledge report are the man and the human societies in the time. In History, a finishing knowledge doesn't exist. The final word doesn't exist on any theme. New documents, new approaches and new interpretations make possible a plural vision of the historical knowledge. The historians' profile is going very beyond in the construction of the knowledge: through the investigation, of the participation and incentive to the research production; through the participation in the structure of the course (departments, coordinations). More than never the history educator should be part of the bus and to enlarge his interdiscipline posture. In all of the spheres of his practice, the men act as collective subjects. Therefore, the knowledge, as expression of the men's symbolic practice will only be genuinely human and genuinely to know when if it gives interdisciplinarily. The knowledge is resulting from a historical construction, accomplished by a collective subject. Then the

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFMS. Professor de Ciências Humanas na UFMS e FINAN – Nova Andradina MS.

importance of the research, understood as process of construction of the objects of the knowledge, and the relevance that the science assumes in our society.

**Key- words :** Knowledge, Study, Production.

A prática do ensino, seja de qualquer disciplina, é exigente e instiga o profissional a buscar o desenvolvimento interdisciplinar para um melhor equacionamento dos objetivos propostos para o trabalho pedagógico.

É saber comum que a formação do ser humano não é tarefa exclusiva da escola, nem do processo de ensino. Entretanto, vivenciamos um período de grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, tais desafios passaram a exigir da escola uma participação cada vez mais efetiva na educação das novas gerações. As transformações no mundo do trabalho, em especial neste início de século XXI, acabaram redimensionando, assim parece, o papel da família na educação de seus filhos, ocorrendo uma transferência dessa responsabilidade para as escolas e seus professores. Toda essa situação exige dos profissionais da educação um redobrado equacionamento de suas atividades docentes, necessitando, indiscutivelmente de atividades interdisciplinares.

Se pensarmos a história como uma disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora com certeza nossas atividades serão recompensadas, pois o “novo homem” e a “nova mulher” só poderão ser indiscutivelmente formados se o projeto for claro e dinâmico para tais proposições. A história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.

Outro ponto fundamental é o desenvolvimento da consciência de que o debate sobre o significado de ensinar história processa-se, sempre, no interior de lutas políticas e culturais. Tais atividades só serão implementadas se o desenvolvimento for interdisciplinar, pois torna-se necessário um conjunto de elementos formadores na elaboração de reflexões de cunhos epistemológicos. De certa forma, procuramos desvendar a lógica das relações que envolvem tanto a produção quanto a difusão do conhecimento, apontando limites, possibilidades, desejos e necessidades historicamente construídas.

A interdisciplinaridade, surgiu no final do século XIX, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista. As ciências haviam-se dividido em muitas disciplinas e a interdisciplinaridade restabelecia um diálogo

entre elas. Assim, nesse contexto de mudanças cada vez mais rápidas, diversos fatores devem ser elencados na reflexão das novas metodologias pedagógicas. Atualmente, o desenvolvimento dos meios de comunicação requer do professor novas posturas diante do conhecimento e da tradicional forma de transmissão do conhecimento. O profissional da educação vive uma posição estratégica e ambígua na sociedade. Estratégica pois a educação é um elemento indispensável para a sobrevivência da espécie, ou seja, precisa-se de conhecimentos elaborados e o desenvolvimento de novos para a continuidade da cultura humana, ambígua pois o profissional docente passa por uma crise de reconhecimento e valores profissionais. O docente vive e exercita, ao mesmo tempo, a luta pela profissionalização e a permanente ameaça de proletarização e desvalorização social.

Acompanhamos, no Brasil, a passagem de um ensino de elite para um sistema de massas, o qual revelou a incapacidade de os sistemas educacionais assegurarem o acesso, a qualidade e a permanência do aluno na escola. Parece não ser novidade para ninguém a evasão, repetência e o baixo padrão qualitativo nos vários níveis de ensino.

Diante de um quadro de transformações, um tanto “catastróficas”, vários são os problemas que desafiam o processo educacional, exigindo que a instituição escolar redimensione suas funções e assuma o compromisso com o seu tempo, como agente de transformação de cidadãos. Isso requer de todos nós uma postura crítica diante desse novo que se apresenta. Como trabalhar com a nova realidade? Como formar ou transformar a consciência? É possível? Muitas perguntas ficam no ar, sem resposta, e o professor sem ação em muitos momentos.

Novas posturas exigem redimensionamentos, revisão dos pressupostos teórico-metodológicos que nortearam as práticas da tradicional escola básica. Exige de nós um trabalho de observação, compreensão e de construção de novos referenciais para que a escola seja, de fato, um espaço de inclusão e não de exclusão social e cultural.

Procurando efetivar esse trabalho de inclusão social, professores e alunos não devem ser, assim espera-se, meros consumidores de materiais, executores de programas de ensino, mas criadores e produtores de saber. Acredita-se que o professor, nesse início de século XXI, seja um profissional que domina não apenas os métodos de construção do conhecimento, mas um conjunto de saberes que possibilita sua socialização e sua reconstrução no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o saber docente é um saber plural, proveniente de diversas fontes, adquirido ao longo do tempo, nos diferentes espaços de vida e

de formação. Assim, a prática interdisciplinar torna-se necessária e indispensável para a produção de conhecimentos.

No trabalho interativo, o aluno não é mero receptor de informações e o professor não é o dono do saber. Como sujeitos, os alunos não apenas contribuem, mas participam, negociam, constroem, interagem ativamente com os outros alunos, os professores e o conhecimento.

Neste *continuum*, ensinar história requer um diálogo permanente com diferentes saberes, produzidos em diferentes níveis e espaços. Requer do professor interrogações sobre a natureza, a origem e o lugar ocupado por esses diferentes saberes, que norteiam e asseguram sua prática em sala de aula. Todos esses saberes – vivência dos alunos, da mídia, dos espaços de trabalho e lazer, espaço religioso, entre outros – mediados pela ação dos sujeitos (alunos e professores) são reconstruídos e constituem os chamados saberes escolares.

Segundo Thompson, o objetivo da história é reconstituir, explicar e compreender seu objeto: a história real. Percebe-se que o objeto do conhecimento histórico é o real em movimento, as ações de homens e mulheres em sociedade, ou seja, a experiência humana. Trabalhar tais dimensões é envolver-se num emaranhado de questões que dificilmente conseguidos sair sem esbarrarmos em conceitos ideológicos capazes de modificar o sujeito. Aí entra o papel do profissional da educação, num trabalho de mediador, conciliando e apontando situações favoráveis para a produção de conhecimentos. E espera-se que tais conhecimentos sejam para a elaboração de princípios que dignificam a essência humana e não o contrário.

Se o objetivo da disciplina História é formar, educar, explicando, reconstituindo e buscando compreender o real, podemos afirmar que a lógica da prática docente é, fundamentalmente, construtiva. Isso implica uma busca permanente de superação do mero reprodutivismo livresco que ainda predomina nas aulas de história. O profissional de história submisso ao reprodutivismo assume uma concepção de conhecimento como verdade absoluta e imutável. Ao contrário disso, assumir a proposição investigativa em sala de aula implica ousar e construir uma atitude reflexiva e questionadora diante do conhecimento historicamente produzido.

Nessa perspectiva, superar o reprodutivismo é ensinar a estabelecer relações interativas que possibilitem ao educando elaborar representações pessoais sobre os conhecimentos, objetos do ensino e da aprendizagem. O ensino se articula em torno dos

alunos e dos conhecimentos, e a aprendizagem depende desse conjunto de interações. Como é saber de todos, ensino e aprendizagem fazem parte de um processo de construção compartilhada de diversos significados, orientado para a progressiva autonomia do aluno. Assim, o resultado do processo educacional é diferente em cada pessoa, pois a interpretação que cada um faz da realidade é diferente, tem características únicas e pessoais, juntamente com os elementos compartilhados com os outros.

Seguindo essa concepção, nem o professor, nem o aluno ocupam uma posição secundária, mas ambos atuam de maneira ativa, aberta e flexível em relação aos diferentes saberes. O que se pretende é ultrapassar a concepção de ensino como mera transmissão de conteúdos, e desenvolver um ensino que tenha como pressupostos a investigação e a produção de conhecimentos por professores e alunos no espaço escolar.

Um projeto de ensino, como uma ação pedagógica planejada, realiza determinadas intencionalidades, visa à realização de um determinado fim, em um determinado tempo e espaço. Projetos de ensino implicam a proposição de um trabalho determinado pela natureza do conhecimento, pelos objetivos e atividades didáticas e não pelo controle externo do tempo escolar, que divide o período letivo em unidades inflexíveis e cotidiano em unidades que, muitas vezes, desconhecem o processo da construção de conhecimento.

Se os saberes em construção determinam o tempo de realização da ação educadora, o professor mobilizará e incorporará em seu trabalho novos conhecimentos, um corpo de conhecimentos pedagógicos, disciplinares, ambientais, experienciais. Esses novos conhecimentos transformarão, enriquecendo, o saber pedagógico que o professor constrói na sua trajetória profissional.

A ação pedagógica por meio de projetos supõe primeiramente que os alunos estejam motivados, envolvidos, quer individualmente, quer em grupo, em atividades que não estarão mais centradas no professor, mas no processo que está sendo realizado. O professor fica assim liberado de empregar seu tempo no controle da disciplina e pode usar esse tempo, por exemplo, para prestar atenção nas soluções individuais que os alunos trazem, nas interações grupais, nas atividades de desenvolvimento dos alunos.

Uma das ações mais importantes do professor para realizar ação pedagógica é a da observação. A experiência de projetos redimensiona a ação do professor, uma vez que os alunos envolvidos em uma atividade tem significado e que lhes interessa solicitam outras formas de intervenção do professor.

O educando sempre foi visto como realizador de tarefas em espaços de tempo determinados externamente a ele; entretanto, no trabalho de projetos a criança usa o tempo com mais autonomia, e o professor necessita reformular sua ação pedagógica. A realização de um projeto envolve intenso trabalho de reflexão para a articulação de conteúdos, grupos e atividades. Aqui, o processo é privilegiado e não o produto final. Logo, professor e alunos, não estando pressionados pela necessidade de um produto imediato - pois vivenciam, refletem *na e pela* ação -, constroem conhecimentos de uma forma diferente. Forma esta que permitirá aos alunos estarem envolvidos com a realização de uma atividade que tem significado dentro de um contexto mais amplo.

Diante de nossa prática profissional, em escolas públicas e particulares, e com base em relatos de professores e pesquisas qualitativas em sala de aula mostram que, em situações de projeto, como os alunos estão envolvidos com atividades que têm significado, eles solicitam muito menos a intervenção dos professores. Estes, por sua vez, estão mais *motivados* para interagir com os alunos. A intervenção é necessária, mas a qualidade dessa intervenção é muito distinta, pois ela visa apoiar e orientar a realização da atividade e não fiscalizá-la. Ao professor cabe a tarefa de observar o processo para poder interferir nele no sentido de construir com o aluno os comportamentos necessários de que ele precisa para aprender e ter autonomia em seu processo de aprendizagem.

Essa relação professor-aluno implica pensar o conhecimento, sobretudo o conhecimento escolar, como algo em permanente estado de reconstrução. Não mais como um dado, um fato cristalizado, verdade absoluta imutável. O conhecimento produzido e acumulado, historicamente, é apropriado, reproduzido e transformado pela sociedade de diversas maneiras, em diferentes níveis e contextos sociais. Assim, os novos papéis de professores e alunos pressupõem um relacionamento ativo e crítico com os saberes produzidos em diferentes realidades, o que potencializa o envolvimento dos educandos e dos professores. Isso nos remete à discussão das abordagens do conhecimento no desenvolvimento de projetos de história - *inter, multi, trans?*

"Muito se fala em interdisciplinaridade, mas pouco se faz de interdisciplinaridade!" Interessante que, geralmente, ela é vista ora como algo facilmente praticado, uma rápida integração de conteúdos, ora como tábua de salvação, panacéia, fórmula milagrosa capaz de resolver todos os problemas do ensino e da aprendizagem.

A postura interdisciplinar envolve uma determinada forma de conceber e se

relacionar com o conhecimento socialmente produzido. O envolvimento é condição para a prática. Outra necessidade é a compreensão dos conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. São conceitos complexos, muitas vezes controversos. É comum, por exemplo identificarem interdisciplinaridade com mera fusão de conteúdos.

Multidisciplinaridade é a forma mais tradicional de organização conteúdos. Os conhecimentos são apresentados e trabalhados por disciplinas independentes umas das outras. O grupo de multidisciplinas dispõe uma série de conteúdos, sem explicitar as relações existentes entre eles. A soma dos conteúdos multidisciplinares forma o "todo" ensinado nas escolas. A interdisciplinaridade pressupõe a integração entre os conteúdos e as metodologias de disciplinas diferentes que se propõem a trabalhar conjuntamente determinados temas. Não é uma simples fusão ou justaposição, mas uma “interpretação” de conceitos, dados e metodologias.

Nessa perspectiva, trabalhar o ensino por meio de projetos, assumindo a transversalidade entre os campos de saber, passa por assumir uma postura político-pedagógica na qual a formação dos indivíduos seja pensada como um processo em que diversas instâncias, diversos campos do saber se entrelaçam, intervindo, transmitindo, construindo o pensamento. Significa “transitar pelo território dos saberes”, possibilitando a recuperação da totalidade do ato de conhecer.

As experiências educacionais em diferentes realidades sugerem caminhos de construção de práticas pedagógicas facilitadoras de projetos de trabalho, estudos de meio e projetos de pesquisa.

Finalmente, a busca da transdisciplinaridade na construção de projetos educativos não pode ser, a nosso ver, considerada fórmula para os males do ensino, nem a busca de um saber unificado, mas fundamentalmente, uma postura crítica diante do mundo, do conhecimento e do ensino. É uma possibilidade de propiciarmos a formação geral do educando, pois permite a identificação entre o vivido e o estudado como resultado das múltiplas inter-relações, das múltiplas experiências.

Pensar essas questões implica acreditar na nossa capacidade de entender e agir sobre o mundo social, pois é sustentando essa crença, de forma implícita ou explícita, que damos sentido e ressignificamos nossa prática profissional. Para nós, a escola tem a responsabilidade não só de ampliar a compreensão do mundo, mas de formar indivíduos aptos

a participar e intervir na realidade. Portanto, a educação é vital na busca da felicidade, do bem comum, nas relações humanas, na promoção do humanismo. Educar é um ato de liberação, socialização, formação e transformações dos homens. É um direito do cidadão para o exercício da cidadania.

### **Referências bibliográficas**

- FAZENDA, Ivani (org.) *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FONSECA, Selma Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História*. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 2005.
- MACHADO, N. J. *Educação: Projetos e valores*. São Paulo: Escrituras, 2000.
- NUNES, Silma do Carmo. *Concepções de mundo no Ensino de História*. São Paulo: Papirus, 1996.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.